



Comunicação Social e a Manipulação da História no Governo da Frente Popular do Acre¹

CARNEIRO, Eduardo de Araújo²

RESUMO: Este artigo tem como propósito evidenciar a prática da manipulação da história e do uso político do passado por parte do governo da Frente Popular do Acre, coligação partidária que venceu as eleições estaduais majoritárias de 1998. A pesquisa teve caráter qualitativo e privilegiou enunciados materializados em notícias de jornais que circulavam na cidade de Rio Branco (AC) durante os anos em que se comemorou Centenário da Revolução Acriana (1999-2003).

PALAVRAS-CHAVE: História; Comunicação Social; Frente Popular do Acre; Manipulação.

Este artigo tem como objetivo analisar as manipulações da história operadas pelo governo da Frente Popular do Acre³ em notícias de jornais durante eventos comemorativos de datas cívicas como foi o caso do Centenário da Revolução Acriana. Por abuso ou manipulação da história queremos nos referir ao equívoco interpretativo produzido por meio de um julgamento inconsequente dos fatos históricos, quer por incompetência, carência de fontes ou por desonestidade. Se por conta de um dado conhecimento histórico alguma pessoa, grupo social ou instituição auferiu ou deixou de auferir vantagem simbólica devida, é porque tal conhecimento foi produto de um abuso. A vantagem simbólica é entendida aqui como algo positivo ou negativo imputado a um dado agente histórico, de modo a abonar-lhe, negar-lhe ou atribuir-lhe indevidamente uma falha ou um acerto.

Antes de analisarmos os enunciados, antecipamos um resumo das manipulações da história encontradas nos discursos dos líderes da Frente Popular, a saber: a) a utilização da versão epopeica da história; b) inventou a ideia de ruptura histórica e a de “novos tempos” para a história do Acre; c) tentou associar a imagem dos líderes da Frente Popular aos da “Revolução Acriana”; d) idealizou a “Revolução Acriana” como um movimento inacabado; e) promoveu uma história teleológica que apontasse para a

¹Trabalho apresentado ao GT História da Publicidade e da Comunicação Institucional do IV Encontro Regional Norte de História da Mídia, realizado em 19 e 20 de maio de 2016.

² Doutorando no Curso de Estudos Linguísticos da Universidade Estadual Paulista (UNESP – São José do Rio Preto).

³ Uma coligação de partidos políticos (PT, PC do B, PSB, PDT, PSDB, PMN, PL, PPS, PV, PTB, PT do B) que administrou o Estado do Acre a partir das eleições de 1998.

ascensão da Frente Popular ao governo do Estado como o ponto auge da saga acriana; f) transformou os “heróis” acrianos em uma espécie de “cabos eleitorais” da “florestania”; uma vez que foi dito que os seus ideais estavam sendo realizados pela Frente Popular.

Dessa forma, todos os aplausos dados aos “grandes feitos” dos “heróis” de outrora eram capitaneados pelos próprios promotores dessas mesmas festas, uma vez que eram apresentados como herdeiros políticos e continuadores dos “heróis”. A história servia como instrumento de identificação entre as lideranças do governo e os fatos, personagens, símbolos e monumentos culturais já consagrados no imaginário social. A divulgação da história fez parte de uma estratégia de autopromoção, pois o passado dignificava o tempo presente.

Um exemplo dessa estratégia aconteceu em 2008, quando o então senador Tião Viana (PT-AC) elaborou um Projeto de Lei que reduzia o número de fusos horários no Brasil para apenas três. Com isso, o Acre passaria a ter uma diferença de apenas 1 hora com relação a Brasília, já que faria parte do mesmo fuso horário de Rondônia. O projeto foi aprovado sem qualquer consulta popular, o que o tornou vulnerável a críticas. Para se “proteger” delas, o governo do Estado propagandeou que o objetivo da mudança do fuso horário era cumprir os ideais da “Revolução”. Almejaram transferir a credibilidade da “Revolução” ao projeto de mudança de fuso horário, carente de legitimidade. Leiam o enunciado abaixo.

Imagem 1 – *Outdoor* sobre o novo horário do Acre que faz menção à “Revolução Acriana”.



Fonte: <http://altino.blogspot.com/2008/06/hora-dos-caras-de-pau_16.html> acessado em março de 2014.

O governo da Frente Popular investiu na produção imagética de uma história teleológica que apontasse a ascensão política do PT ao governo do Estado como o auge



da saga acriana. É como se a Frente Popular fosse o desenvolvimento máximo das potencialidades do povo acriano e que os governos anteriores a ela, desde as eleições de 1982, fossem uma espécie de desvio de percurso. Dessa forma, a emergência da Frente Popular figura como uma ruptura histórica com o “desvio de percurso” e tal ruptura é significada como um “novo tempo” para o Acre, que será o tema do próximo tópico. Leiam o enunciado abaixo:

O Acre constituiu-se no final do século passado, como uma unidade [...] Hoje, quando viramos mais um século e também o milênio, temos plena consciência de que somos uma geração privilegiada, com a missão de refazer aquela unidade não apenas no território mas também no tempo, estabelecendo uma continuidade histórica. Somos um povo, temos um destino, um projeto a realizar [...] O mesmo projeto que nos faz buscar o futuro, nos faz também voltar ao passado. É nele, que buscamos inspiração. Nestes cem anos de luta, muitas vezes o povo acreano perdeu e recuperou o fio da meada, a continuidade de seus ideais de origem. Esses ideais estavam com os fundadores, os que estabeleceram as bases do Estado acreano [...] Galvez e o Estado Independente não são simplesmente histórias do passado. Eles são, ainda, o objetivo do nosso trabalho presente, o projeto que temos que reafirmar. (Viana, J. Apresentação. Revista *Galvez e a República do Acre*, 1999).

Percebam que o então governador do Acre apresenta-se como um agente construtor do futuro a partir dos “ideais de origem” que, segundo ele, estavam presentes nos fundadores do Acre. Essa é a base da ideia da “revolução inacabada”, pois diz também que os feitos dos “heróis” não são simplesmente coisas do passado, é sim, segundo diz, “o **projeto** que temos que reafirmar” no presente. Há uma clara intenção de estabelecer uma conexão entre “os ideais de origem” dos heróis e o projeto que a Frente Popular tentava implantar no Acre naquela época: a “florestania”.

A citação também menciona um período em que o povo perdeu o “fio da meada”, provavelmente aquele em que candidatos majoritários do PMDB foram eleitos. Assim sendo, o “novo Acre” é a recuperação do “fio da meada”, é a materialização “dos ideais de origem”. Termina esse tópico com a seguinte frase: “os líderes políticos sempre souberam do mérito obtido ao se compararem com grandes figuras do passado. Isso os ajuda a ganhar estatura e legitimidade como herdeiros das tradições de suas nações” (MACMILLAN, 2010, p. 31).



De modo geral, podemos concluir que, segundo a propaganda política: o Acre era uma “unidade” no final do século XIX; os primeiros acrianos eram portadores de uma “ideal de origem”; o povo havia perdido “o fio da meada” antes do PT assumir o governo do Estado; o povo acriano recuperou o “fio da meada” quando elegeu a Frente Popular ao governo do Estado; a Frente Popular recuperou “os ideais de origem” do povo acriano, os mesmos defendidos pelos “fundadores” do Acre; o projeto que a Frente Popular executara no governo do Estado era capaz de garantir o futuro do povo acriano, isso porque estava inspirado nos “ideias de origem”.

Pelo fato de utilizar o passado como marketing político, a Frente Popular fez circular uma certa representação da “Revolução Acriana”. A política simbólica adotada não apenas atualizou o discurso epopeico da fundação do Acre como também inscreveu a Frente Popular nessa narrativa. Como será visto, em várias ocasiões os líderes da Frente Popular foram apresentados como porta-vozes e continuadores da epopeia do Acre no tempo presente.

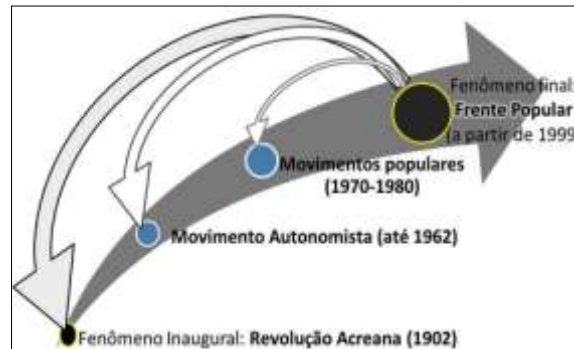
Foi reproduzido sem a menor crítica o mito dos “heróis” despojados de interesses e movidos por patriotismo. Achando pouco, o governo elevou ainda mais o grau dessa manipulação, afirmando que os ideais dos “revolucionários” estavam sendo retomados pela Frente Popular. Dizer que a chegada do PT ao governo do Estado faz parte da saga acriana é o mesmo que dizer que os líderes desse partido são os novos “heróis” do Acre.

A periodização da história divulgada pelo Governo da Floresta foi sempre o mesmo, a saber: “Revolução Acriana” – movimento autonomista – movimentos sociais pela posse da terra nos anos 1970/80 – vitória da Frente Popular nas eleições estaduais de 1998. A narrativa organiza os fatos de modo que tudo pareça se encaixar, provocando, com isso, uma verossimilhança aos moldes literários. A “costura” que se fez entre esses acontecimentos é explicada pelo então governador da seguinte forma: “não se pode separar essa história centenária da causa que hoje nos tem” (Jorge Viana, *Cem anos de Utopia*. In: revista *Época*, de São Paulo, em 24 de novembro de 2003, Nº 288).

Um tempo “vetorial” é traçado rumo ao progresso a fim de que o tempo presente apareça como o apogeu das potencialidades acrianas. A Frente Popular é representada como o acúmulo de tudo de positivo que já aconteceu na saga acriana. Mas como diria Le Goff (1992, p. 14): “a crença num progresso linear, contínuo, irreversível, que se

desenvolve segundo um modelo em todas as sociedades, já quase não existe”. Esse estilo de narrativa cronologicamente marcada já foi largamente superado pelos historiadores do século XX.

Imagem 2 – Explicação teleológica da história do Acre segundo a Frente Popular.



Fonte: elaboração do autor

A vontade de potência transforma em marcos históricos os poucos eventos de “sucessos”, de modo que, quando se olha para o passado, a história fique saturada de exemplos bem-sucedidos. A lógica dessa periodização da história omite o debate das diferentes temporalidades e dos diferentes sujeitos históricos. Ela escolhe um eixo temático a partir do qual traça uma narrativa, em que os “grandes eventos” são “encaixados” de forma cronológica. Os vários “períodos” ou “etapas” são classificados e organizados em torno de um acontecimento considerado importante.

Em uma entrevista dada ao jornal *Página 20*, de Rio Branco, em 16 de novembro de 2003⁴, o então governador comentou sobre o processo de anexação do Acre ao Brasil. Como veremos, trata a “Revolução” como um fenômeno determinante da anexação, secundarizando a importância do Tratado de Petrópolis. Mais uma vez é dito que o povo foi quem fez a “revolução”, dissimulando o fato de que o povo na época eram os grandes seringalistas. Apesar de marginalizar a importância do Tratado no processo de anexação do Acre, o entrevistado diz que foi por causa do sucesso obtido na solução da Questão do Acre que Barão do Rio Branco ficou mais dez anos no Itamarati. Leiamos o que o governador diz a respeito:

Foi bom tocar nesse ponto porque fica parecendo que a “Questão do Acre” foi solucionada pelo Barão do Rio Branco. Isso não é verdade.

⁴ Disponível em <<http://pagina20.uol.com.br/16112003/entrevista.htm>> acessado em abril de 2014.



A gente não pode esquecer que o povo acreano, que “os brasileiros do Acre” já estavam no processo de luta há quatro anos. Então, entre 1899 e 1903, o povo acreano lutou insistentemente, de diferentes maneiras, para poder vencer os bolivianos. O Tratado de Petrópolis foi, antes de tudo, uma conquista que surgiu da vontade do povo acreano de ser brasileiro [...] O que o governo brasileiro e o Barão do Rio Branco fizeram foi reconhecer essa luta dos “brasileiros do Acre” e estabelecer um acordo que solucionasse aquele conflito que era mantido e sustentado completamente pela população brasileira do Acre. (Jorge Viana em entrevista ao jornal *Página 20*, de Rio Branco, em 16 de novembro de 2003)⁵.

O governador não faz qualquer menção aos interesses econômicos pela região, pelo contrário, reforça o mito da união popular em torno de uma causa patriótica⁶. Omite a informação de que o governo do Amazonas foi quem, desde o início, sustentou, juntamente com seringalistas, a Questão do Acre. Como se as divergências de interesses entre seringueiros e seringalistas desaparecesse em virtude de um pretensão patriotismo fundador do “eu” acriano. Esse abuso da história transmite uma falsa ideia de que havia liberdade democrática nos seringais acrianos, como se os seringueiros tivessem como escolher em ficar no corte da seringueira ou ir para o conflito armado.

Sobre a pergunta *Qual a relação que o senhor faz entre a trajetória do Acre nessas 100 anos e as mudanças do Estado hoje?* O governador responde que “o Acre tem uma história linda, única. *É um povo que não é brasileiro por acaso. Um povo que lutou, pegou em armas para fazer parte do Brasil*, para ser reconhecido como brasileiro. Isso deu um sentimento muito grande a todos nós” (idem, grifo nosso). Descartando a possibilidade de o governador ser ingênuo ao ponto de acreditar nessa versão patriótica da história, somos levados a acreditar aqui que o mesmo reproduziu tal discurso com o intuito de obter vantagens políticas. Abaixo, na mesma edição do jornal em que a entrevista do governador foi publicada, aparece outra matéria, só que agora é entrevistado é o então senador Tião Viana.

Imagem 3 – A “fantástica” história do Acre.

⁵ *Ibidem*.

⁶ Não havia união nem entre os líderes da “revolução”, que dirá entre o “povo”. De José Carvalho à Plácido de Castro, sempre houve os dissidentes - aqueles que apoiavam o governo boliviano; os opositores - aqueles que desejavam esperar a intervenção direta do governo brasileiro; os indiferentes - aqueles que, mesmo sabendo da insurreição, preferiram não tomar parte dela; e os desinformados, aqueles que nem ao menos souberam que estava acontecendo uma “revolução”.



Fonte: jornal *Página 20*, de Rio Branco, em 16 de novembro de 2003, edição on-line.
Disponível em <<http://pagina20.uol.com.br/16112003/entrevista.htm>>
acessado em abril de 2014.

Dessa forma, a motivação patriótica é o “encanto” que transforma a agressividade acriana em atos “louváveis”. Mas como bem já mostrou Carneiro (2015), o patriotismo dos seringalistas era contado em “dólar”. O discurso patriótico no mundo ocidental sempre foi invocado para dissimular os mais terríveis e mesquinhos desejos humanos. Cabe ao historiador dismantellar essa rede discursiva que alimenta o abuso da história e evidenciar os interesses políticos que o mantêm.

Em uma matéria do jornal *A Gazeta*, de Rio Branco, em 10 de agosto de 2000, p. 8, intitulada “Morte de Plácido de Castro é lembrada com inauguração de memorial”, o então governador Jorge Viana (PT) disse que “a nós cabe a missão de honrar as lutas desses heróis com projetos que implementem na prática seus sonhos de justiça e liberdade”. Ele se coloca como o realizador dos “sonhos dos heróis”, o que o torna igual ou superior a eles, uma vez que eles, mesmo sendo heróis, não conseguiram realizá-los plenamente, necessitando, com isso, da ajuda daquele que “é provavelmente o cidadão que mais conhece a história do Estado” (jornalista Tião Maia sobre o governador Jorge Viana. In: jornal *Página 20*, de Rio Branco, em 6 de agosto de 2002, p. 5). Leiamos:

Mais do que simples comemorações, todos esses eventos – juntamente com as obras e programas desenvolvidos por nosso governo – se revelaram essenciais para a recuperação da autoestima e do orgulho do povo acreano nesse momento de retomada de um caminho próprio, em sintonia com essa floresta que ainda hoje nos abriga doce e gentilmente, desejo último daqueles revolucionários que há um século doaram suas vidas por nós. (VIANA, J. Apresentação. In: CALIXTO, 2003).



O governador fala em “retomada”, o que dá a entender, como já foi falado, que os políticos que governaram o Acre antes da Frente Popular haviam “desviado” o Estado para longe de seu destino, qual seja, o de estar em “sintonia com essa floresta”. A maior manipulação foi quando disse que essa “sintonia” (traduzida por florestania) havia sido o “desejo último daqueles revolucionários”. Isso operou uma certa mudança no discurso, uma vez que agora também atribuíram certa preocupação nos “revolucionários” com as gerações futuras.

É como se a “florestania” fosse o ponto culminante da saga acriana, a materialização de tudo aquilo pelo qual os acrianos de outrora lutaram – os “revolucionários”, os autonomistas e os movimentos populares dos anos 1970-80. Dessa forma, o passado fica a serviço do presente, como se a hegemonia do PT no Acre fosse o fim da história. Ao que tudo indica, a manipulação foi uma regularidade discursiva empregada pelo governador com o fim de auferir ganhos políticos. Logo abaixo, mais dois exemplos.

Será que nós, na atualidade, estamos fazendo algo à altura daquilo que os nossos heróis e antepassados fizeram? [...] Tenho consciência de que estamos realizando parte dos sonhos dos nossos heróis, de Plácido de Castro a Chico Mendes [...] as reservas extrativistas, outro sonho de Chico Mendes, tornaram-se realidade [...] a história nos mostra que Plácido de Castro sonhava com o Acre incorporado ao Brasil como um Estado federativo, respeitado pelo restante do país. Acho que em relação a isso, estamos no caminho certo. (Jorge Viana *apud* jornal *Página 20*, de Rio Branco, em 6 de agosto de 2002, p. 5)

Outra estratégia simbólica utilizada pelo PT para incluir-se na história epopeica do Acre foi associar a estrela vermelha do partido àquela da bandeira acriana. Abaixo, colocamos apenas três exemplos: o primeiro é a marca oficial do Centenário da Revolução Acriana; o segundo é o logotipo do governo de Binho Marques; e o terceiro, é a bandeira do Acre pintada no helicóptero⁷ oficial do Estado.

⁷ O helicóptero custou 7,9 milhões e foi comprado da empresa HeliBrás em 2008. A empresa é uma multinacional controlada por grupo franco-alemão. Na época da compra, o ex-governador do Acre Jorge Viana era o presidente do conselho administrativo da empresa (setembro de 2007 a março de 2008) e apenas a Heliobrás concorreu à licitação. O fato foi noticiado pela imprensa nacional e os políticos de oposição local denunciaram-no como “lobista” e condenaram a licitação como “viciada”. O próprio Ministério Público Federal, por meio de uma ação civil pública, pediu à Justiça Federal a anulação do contrato que o Estado havia firmado com a multinacional. O Ministério Público Federal também solicitou que a pintura do helicóptero fosse refeita, de modo a não destacar a estrela vermelha. Até

Imagem 4 – Marca oficial do Centenário da Revolução Acriana.



Imagem 5 – Pintura do helicóptero comprado pelo governo do Estado do Acre em 2008.



Fonte: Disponível em <www.google.com.br> acessado em março de 2014.

Imagem 6 – Marca oficial do governo do Estado (2007-2010).



Fonte: Disponível em <www.google.com.br> acessado em março de 2014.

Nas comemorações dos 45 anos de elevação do Acre à categoria de Estado, ocorridas em 15 de junho de 2007, o governo publicou em imagem abaixo vários jornais. Durante as comemorações, em vez de o pavilhão acriano ser exaltado, ergueu-se, na verdade, o logotipo do governo, em uma demonstração clara de tentativa de obter ganhos simbólicos com a associação da imagem do governo com a do movimento autonomista. Compare a bandeira do logotipo do governo de Binho Marques (imagem 6), com a bandeira estilizada da imagem abaixo. A conclusão a que chegamos é que era o próprio governo que estava sendo comemorado, o que pode servir como um exemplo claro de violência simbólica. A bandeira que o “povo” levanta não é a do Acre, mas sim a do logotipo do governo.

Imagem 7 – Publicidade Governamental dos 45 Anos de Estado do Acre.



Fonte: jornal *Página 20*, de Rio Branco, em 16 de junho de 2007, p. 24.

Enfim, o governo do Estado não teve a menor preocupação em levar à população uma história crítica do passado acriano. Isso porque o objetivo não era conscientizar, mas alienar o povo no ufanismo e no otimismo. De modo geral, a versão “romântica” foi divulgada como verdade histórica, o que, de certa forma, colabora para a produzir uma sensação artificial de autoestima coletiva. A política cultural adotada pela Frente Popular revela, dentre muitas coisas, a vontade de potência das lideranças dessa coligação partidária, pois como almejavam ser “grandes”, fizeram da escrita da história uma testemunha dessa suposta grandeza. Manipulou-se a história para que o tempo presente se mostrasse como uma continuação do passado “glorioso”. Dessa forma, tornou a história contemporânea do Acre coparticipante da “apoteose inaugural”. É



como se a história fosse uma espécie de teleologia da acrianidade, cuja culminância se mostrasse no tempo presente com a Frente Popular.

REFERÊNCIAS

CALIXTO, Valdir de Oliveira. **Plácido de Castro e a Construção da ordem no Aquiri**: contribuição à história das ideias políticas. Rio Branco: FEM, 2003.

CARNEIRO, Eduardo de Araújo. **A formação da sociedade econômica do Acre**: “sangue” e “lodo” no surto da borracha. Rio Branco: EAC editor, 2005.

_____. **A fundação do Acre**: uma história revisada da anexação. Rio Branco: EAC editor, 2005b.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Campinas: UNICAMP, 1992.

MACMILLAN, Margaret. **Usos e abusos da história**. Rio de Janeiro: Record, 2010.